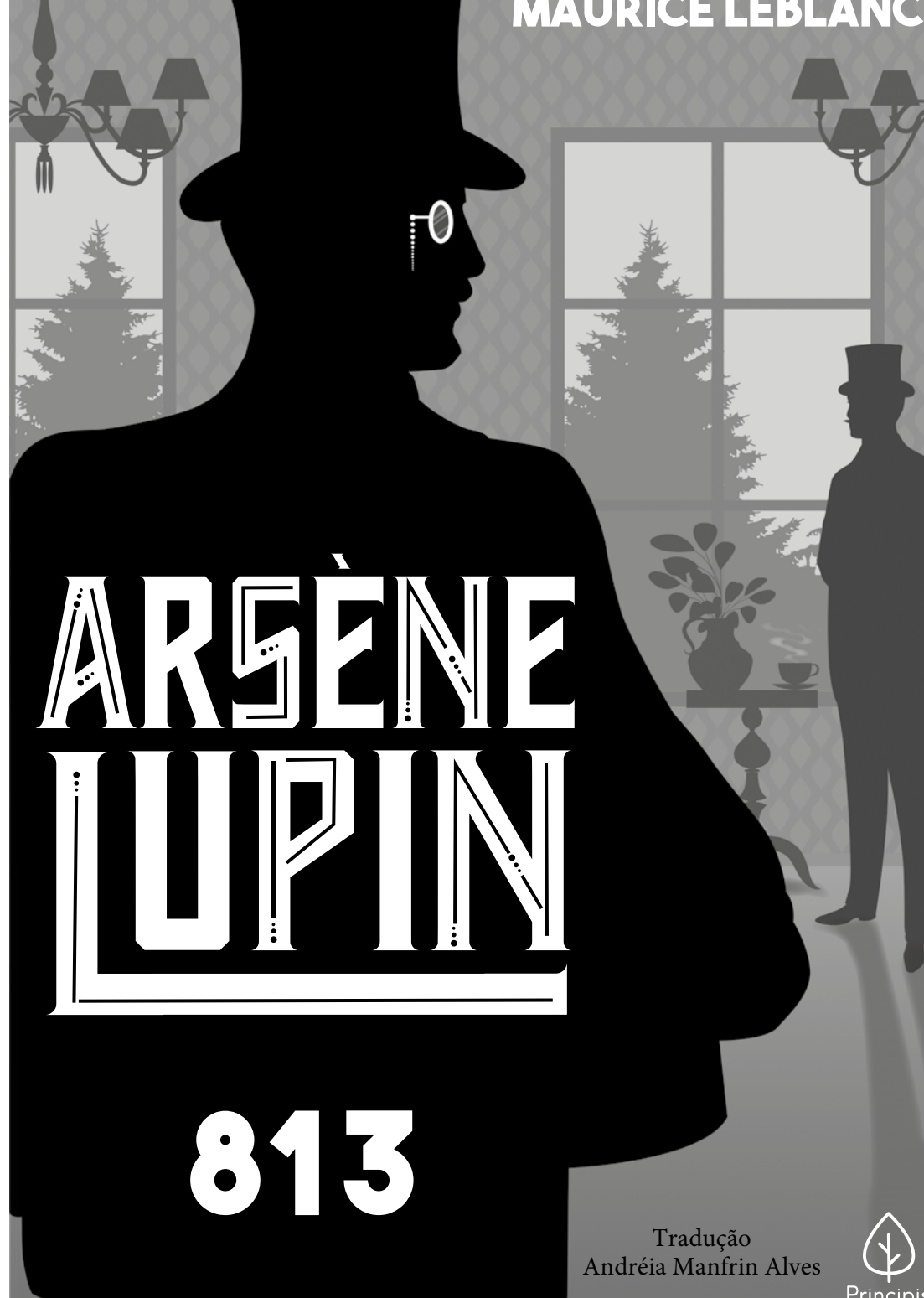


ARGÈNE
LUPIN

MAURICE LEBLANC



ARSENÉ LUPIN

813

Tradução
Andréia Manfrin Alves



Princip

Traduzido do original em francês 813	Produção editorial Ciranda Cultural
Texto Maurice Leblanc	Diagramação Linea Editora
Tradução Andréia Manfrin Alves	Imagens alex74/shutterstock.com; YurkaImmortal/shutterstock.com; ChonnieArtwork/shutterstock.com; ViktoriiaAblohina/shutterstock.com; P U P S I K L A N D/shutterstock.com;
Preparação Walter Sagardoy	Ola-ola/shutterstock.com; Forgem/shutterstock.com
Revisão Fernanda R. Braga Simon	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445	Leblanc, Maurice
	813 / Maurice Leblanc; traduzido por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP : Principis, 2022. 384 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Arsène Lupin)
	ISBN: 978-65-5552-784-1
	1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. 5. Detetive. 6. Crime. 7. Netflix. 8. Ação. 9. Aventura. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título.
	CDD 843
2022-0916	CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

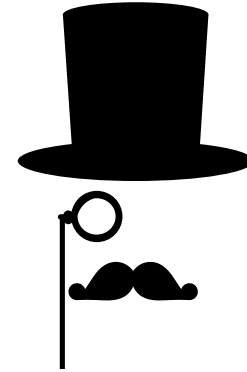
1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

O massacre	7
O senhor Lenormand iniciou suas operações	48
O príncipe Sernine em ação.....	65
O senhor Lenormand com as mãos à obra	97
Lenormand sucumbe	116
Parbury Ribeira Altenheim	137
A sobrecasaca oliva	163
Santé-Palace	185
Uma página da história moderna.....	213
A grande combinação de Lupin.....	228
Carlos Magno.....	244
As cartas do imperador.....	259
Os sete bandidos.....	287
O homem de preto	311
O mapa da Europa.....	332
Os três crimes de Arsène Lupin.....	353
Epílogo	375



O MASSACRE

1

O senhor Kesselbach parou bruscamente no limiar da sala de estar, pegou no braço de seu secretário e sussurrou com um tom preocupado na voz:

– Chapman, *alguém* entrou aqui outra vez.

– Ora, vamos, senhor – o secretário protestou –, o senhor mesmo acabou de abrir a porta da antessala, e, enquanto almoçávamos no restaurante, a chave não saiu do seu bolso.

– Chapman, *alguém* entrou aqui outra vez – repetiu o senhor Kesselbach.

Ele apontou para uma mala de viagem que estava ao lado da chaminé.

– Veja, aí está a prova. Essa mala estava fechada. E agora não está mais.

– O senhor tem certeza de tê-la fechado? Além do mais, essa mala só contém objetos sem valor, artigos de higiene... – indagou Chapman.

– Só contém isso porque tirei a carteira antes de sair, por precaução... Do contrário... Não, estou dizendo, Chapman, *alguém* entrou aqui enquanto almoçávamos.

Havia um aparelho de telefone pendurado na parede. O homem tirou o fone do gancho.

– Alô... É para o senhor Kesselbach... Apartamento 415... Isso mesmo. Senhorita, por gentileza, telefone para a Chefatura. O Serviço da Sûreté... Eu tenho o número... Um segundo... Ah! aqui está! É o número 822.48... Eu espero na linha.

Um minuto depois, ele retomou:

– 822.48? Eu gostaria de dizer algumas palavras ao senhor Lenormand, chefe da Sûreté. Da parte do senhor Kesselbach... Alô? Ora, sim, o chefe da Sûreté sabe do que se trata. É com a permissão dele que estou telefonando... Ah! Ele não está... Com quem tenho a honra de falar? Senhor Gourel, inspetor de polícia... Parece-me, senhor Gourel, que ontem o senhor estava presente durante minha conversa com o senhor Lenormand... Muito bem! O mesmo fato se repetiu hoje. Invadiram o quarto em que estou hospedado. E, se o senhor vier agora, talvez descubra, com base nas pistas... Daqui a uma hora ou duas? Perfeitamente... O senhor só precisará solicitar o apartamento 415. Mais uma vez, obrigado!

De passagem por Paris, Rudolf Kesselbach, o rei do diamante, como era chamado, ou, segundo seu outro apelido, o Mestre do Cabo, o multimilionário Rudolf Kesselbach (sua fortuna era estimada em mais de cem milhões), ocupava, há uma semana, no quarto andar do Palace Hotel, o apartamento 415, composto de três cômodos: à direita, a sala e o quarto principal tinham vista para a avenida, e o outro quarto, à esquerda, estava ocupado pelo secretário de Chapman e tinha vista para a rua Judées.

Ao lado desse quarto, foram reservados outros cinco para a senhora Kesselbach, que estava prestes a deixar Monte Carlo, onde se encontrava naquele momento, e juntar-se ao marido ao primeiro sinal dele.

Durante alguns minutos, Rudolf Kesselbach caminhou com um ar preocupado. Era um homem alto, tinha o rosto corado, a fisionomia ainda jovem, e seus olhos sonhadores, de um azul-claro visível através dos óculos dourados, davam à sua fisionomia uma expressão de suavidade e timidez que contrastava com a energia da fronte quadrada e da mandíbula proeminente.

Ele foi até a janela: estava fechada. Aliás, como alguém teria conseguido entrar por ali? A varanda privativa que cercava aquele quarto de hotel era interrompida à direita e, à esquerda, ficava separada das varandas da rua Judée por uma fenda de pedra.

Ele retornou ao quarto: não havia nenhuma comunicação com os quartos vizinhos. Passou para o quarto de seu secretário: a porta que dava acesso aos cinco quartos reservados à senhora Kesselbach estava fechada, e o cadeado, trancado.

– Não consigo entender, Chapman. Já constatei diversas vezes acontecimentos estranhos aqui... Admita que são estranhos. Ontem, foi na minha bengala que mexeram... Anteontem, meus documentos certamente foram remexidos. Mas como isso seria possível?

– É impossível, senhor – exclamou Chapman, cuja plácida figura de um homem honesto não esboçava nenhuma inquietude. – O senhor está supondo, só isso... Não tem provas... São apenas impressões... Além disso, só é possível entrar neste quarto pela antessala. O senhor mandou fazer uma chave especial no dia em que chegou, e somente seu criado, Edwards, tem uma cópia dela. O senhor confia nele?

– Por Deus! Ele trabalha comigo há dez anos... Mas Edwards almoça ao mesmo tempo que nós, e isso é errado. Da próxima vez, é melhor que ele desça somente depois de retornarmos.

Chapman encolheu ligeiramente os ombros. Decididamente, o Mestre do Cabo tornava-se um pouco estranho com seus medos inexplicáveis. Que risco se corre em um hotel, especialmente quando não mantemos conosco ou perto de nós nenhum valor, nenhuma soma importante de dinheiro?

Eles ouviram a porta do vestibulo ser aberta. Era Edwards.

O senhor Kesselbach o chamou.

– Está vestindo sua libré, Edwards? Ah! Muito bem. Não espero nenhuma visita hoje, Edwards... ou melhor, sim, apenas uma visita, a do senhor Gourel. Até lá, permaneça no vestibulo e vigie a porta. O senhor Chapman e eu temos um trabalho sério a fazer.

O trabalho sério durou alguns instantes durante os quais o senhor Kesselbach examinou as correspondências, analisou três ou quatro cartas e indicou as respostas a serem dadas. Mas, de repente, Chapman, que esperava com a caneta levantada, reparou que o senhor Kesselbach estava pensando em outra coisa que não a correspondência.

Ele segurava entre os dedos e olhava atentamente para um alfinete preto dobrado em formato de anzol.

– Chapman – ele disse –, veja o que encontrei sobre a mesa. É óbvio que este alfinete dobrado significa alguma coisa. Isto sim é uma prova, um objeto de convicção. E você não pode mais insinuar que ninguém entrou nesta sala. Afinal, este alfinete não chegou aqui sozinho.

– Claro que não – respondeu o secretário. – Ele chegou aqui por meu intermédio.

– Como?

– Sim, é um alfinete que estava prendendo minha gravata ao colarinho. Tirei-o ontem à noite, enquanto o senhor lia, e o dobrei distraidamente.

O senhor Kesselbach se levantou, muito irritado, deu alguns passos e parou:

– Você deve estar achando graça, Chapman... e tem razão... Não o contesto, eu estou me sentindo... excêntrico, desde minha última viagem à cidade do Cabo. É que... veja... você não sabe o que há de novo na minha vida... um grande projeto... uma coisa enorme que por enquanto só entrevejo em meio a um esboço do futuro, mas que está ganhando forma... e será colossal...

“Ah! Chapman, você não pode imaginar... Não me importa o dinheiro. Eu tenho... tenho muito... Mas isso é muito mais, é poder, é força, é autoridade. Se a realidade estiver de acordo com o que pressinto, não serei mais apenas o Mestre do Cabo, mas também o mestre de outros reinos... Rudolf Kesselbach, filho do caldeireiro de Augsburg, caminhará lado a lado com muitas pessoas que, até agora, o tratavam com desprezo... Ele passará por cima deles, Chapman, ele passará por cima deles, tenha certeza disso... E se alguma vez...”

Ele parou, olhou para Chapman como se arrependido de ter falado demais, mas, tomado pelo impulso, concluiu:

– Você compreenderá as razões da minha inquietação, Chapman... Há uma ideia neste cérebro que vale muito... E talvez suspeitem dessa ideia... e me espionam... Estou convencido...

Uma campanha soou.

– O telefone – disse Chapman.

– Por acaso – murmurou o senhor Kesselbach – seria...

Ele retirou o fone do gancho.

– Alô... Da parte de quem? O coronel?... Ah, muito bem! Sim, sou eu... Alguma novidade? Perfeito... Então eu o aguardo... O senhor virá com seus homens? Perfeito... Alô! Não, não seremos incomodados... Darei as ordens necessárias... Então é assim tão grave? Repito que a instrução será precisa... Meu secretário e meu criado vigiarão a porta e ninguém entrará. O senhor conhece o caminho, não é? Portanto, não perca nem um minuto.

Ele desligou o telefone e disse imediatamente:

– Chapman, dois cavalheiros virão até aqui... Sim, dois cavalheiros... Edwards irá recebê-los...

– Mas... o senhor Gourel... o brigadeiro...

– Ele virá mais tarde... daqui a uma hora... Além disso, eles podem se encontrar. Então, diga a Edwards que vá ao escritório e nos avise quando eles chegarem. Não estou para ninguém, exceto para dois cavalheiros, o coronel e seu amigo, e para o senhor Gourel. Anotem esses nomes.

Chapman executou a ordem. E, quando voltou, encontrou o senhor Kesselbach segurando um envelope, ou melhor, uma pequena pasta de couro preto, provavelmente vazia, a julgar pela aparência. Ele parecia hesitar, como se não soubesse o que fazer com o objeto. Iria guardá-lo no bolso ou colocá-lo em outro lugar?

Finalmente, ele se aproximou da lareira e jogou a pasta de couro em sua mala de viagem.

– Vamos finalizar a correspondência, Chapman. Temos dez minutos. Ah! Uma carta da senhora Kesselbach. Por que não me avisou a respeito dela, Chapman? Então não reconheceu a letra?

Ele não escondia a emoção que sentia ao tocar e contemplar a folha de papel que sua esposa tinha segurado entre seus dedos, e onde ela havia depositado um pouco de seu pensamento secreto.

Ele sentiu o perfume e, abrindo-a, leu lentamente, a meia-voz, por fragmentos que Chapman compreendia:

“Um pouco enfasiada... não saio do quarto... Estou ficando entediada... Quando poderei encontrá-lo? Um telegrama seu será bem-vindo...”

– Você telegrafou nesta manhã, Chapman? Então a senhora Kesselbach estará aqui amanhã, quarta-feira.

Ele parecia muito alegre, como se o peso de seus assuntos tivesse sido subitamente aliviado e como se tivesse se livrado de toda a inquietação. Então esfregou as mãos e respirou profundamente, como um homem forte, seguro de seu sucesso, um homem feliz que, provido de felicidade, era capaz de se defender.

– Estão chamando, Chapman. Alguém chamou do vestibulo. Vá ver o que é.

Mas Edwards entrou e disse:

– Dois cavalheiros estão procurando pelo senhor. São as pessoas...

– Eu sei. Eles estão na antessala?

– Sim, senhor.

– Feche a porta da antessala novamente e não abra mais... exceto para o senhor Gourel, brigadeiro da Sûreté. Chapman, vá buscar esses senhores e diga a eles que eu gostaria de primeiro conversar a sós com o coronel.

Edwards e Chapman saíram e fecharam a porta da sala de estar. Rudolf Kesselbach caminhou até a janela e apoiou a testa contra o vidro.

Lá fora, bem abaixo dele, carros e automóveis circulavam em sulcos paralelos, marcados pela linha dupla dos recuos para pedestres. Um sol brilhante de primavera fazia reluzir os bronzes e os vernizes. Nas árvores, um pouco de verde florescia, e os botões dos castanheiros começavam a desdobrar sua jovem folhagem.

– Que diabos Chapman está fazendo? – indagou Kesselbach, com voz baixa. – Já faz tempo que ele está de conversa.

Ele pegou um cigarro sobre a mesa e, acendendo-o, deu algumas tragadas. Um pequeno grito lhe escapou. Perto dele, em pé, havia um homem que não conhecia.

Ele recuou.

– Quem é o senhor?

O homem, um indivíduo bem-vestido, elegante, cabelo e bigode pretos, olhar sério, zombou:

– Quem sou eu? Ora, o coronel...

– Não, não. Aquele a quem eu chamo assim, aquele que me escreve sob esta assinatura... por convenção... não é o senhor.

– Sou, sim... O outro era apenas... Mas, sabe, meu caro senhor, tudo isso não tem a menor importância. O mais importante é que eu seja... eu. E juro que sou.

– Mas enfim, senhor, o seu nome...

– O coronel... até nova ordem.

Um medo crescente tomava conta do senhor Kesselbach. Quem era aquele homem? O que ele queria? Ele chamou:

– Chapman!

– Que ideia curiosa chamar alguém! Minha companhia não basta?

– Chapman! – repetiu o senhor Kesselbach. – Chapman! Edwards!

– Chapman! Edwards! – exclamou, por sua vez, o desconhecido. – O que vocês estão fazendo, meus amigos? Alguém está chamando por vocês.

– Senhor, por favor, ordeno que me deixe passar.

– Mas, meu caro senhor, quem o impede?

Ele se moveu educadamente. O senhor Kesselbach avançou em direção à porta, abriu-a e, de repente, deu um pulo para trás. Diante dessa porta estava outro homem, empunhando uma pistola.

Ele balbuciou:

– Edwards, Chap...

Mas não concluiu. Ele viu, em um canto da antessala, deitados perto um do outro, amordaçados e amarrados, seu secretário e seu criado.

O senhor Kesselbach, apesar da sua natureza inquieta e impressionável, era corajoso, e a sensação de um perigo real, em vez de abatê-lo, devolveu-lhe toda a sua coragem e energia.

Lentamente, simulando medo, estupor, ele recuou em direção à lareira e se apoiou contra a parede. Seu dedo procurava pela campainha elétrica. Ele a encontrou e apertou o botão durante um bom tempo.

– E o que mais? – perguntou o desconhecido.

Sem responder, o senhor Kesselbach continuou a apertar a campainha.

– E o que mais? O senhor espera que alguém venha, que todo o hotel esteja alvoroçado porque o senhor está apertando esse botão? Ora, meu pobre cavalheiro, vire-se e verá que o fio está cortado.

O senhor Kesselbach se virou bruscamente, como se quisesse ver com seus próprios olhos, mas, com um gesto rápido, agarrou a mala de viagem, mergulhou sua mão dentro dela, pegou um revólver, apontou-o para o homem e disparou.

– Caramba! – exclamou o desconhecido. – Então o senhor carrega suas armas com ar e silêncio?

Houve um segundo disparo, depois um terceiro, mas não houve nenhuma detonação.

– Mais três tentativas, rei do Cabo. Só ficarei feliz quando tiver seis balas na minha pele. Como! O senhor desiste? Uma pena... O alvo parecia promissor.

Ele pegou uma cadeira pelo encosto, girou-a, sentou-se com as pernas afastadas e apontou uma poltrona para o senhor Kesselbach:

– Faça a gentileza de se sentar, meu caro senhor. E sinta-se em casa. Um cigarro? Para mim, não. Prefiro charutos.

Havia uma caixa deles sobre a mesa. Ele escolheu um Upmann colorado e bem moldado, acendeu-o e, curvando-se:

– Obrigado. Este charuto está realmente delicioso. E agora vamos conversar, está bem?

Rudolf Kesselbach escutava tudo estupefato. Que personagem estranho era aquele? Entretanto, vendo-o tão pacífico e tão loquaz, ele pouco a pouco

se tranquilizava e começava a acreditar que a situação poderia resolver-se sem violência nem brutalidade.

Ele tirou uma carteira do bolso, abriu-a, mostrou um pacote respeitável de notas de dinheiro e perguntou:

– Quanto?

O outro olhou para ele com um ar desconcertado, como se tivesse dificuldade para compreender. Um instante depois, ele chamou:

– Marco!

O homem com a arma avançou.

– Marco, este senhor tem a gentileza de oferecer estes trocados à sua boa amiga. Aceite, Marco.

Enquanto apontava o revólver com a mão direita, Marco estendeu a mão esquerda, recebeu os bilhetes e se retirou.

– Questão resolvida segundo seu desejo – prosseguiu o desconhecido. – Agora voltemos ao objetivo da minha visita. Serei breve e preciso. Quero duas coisas. Primeiro, uma pequena pasta de couro preto que o senhor costuma carregar consigo. Depois, um pequeno cofre de ébano que ainda ontem estava na mala de viagem. Vamos por ordem. A pasta de couro?

– Queimei.

O estranho franziu a sobrancelha. Ele deve ter tido uma visão dos bons tempos, quando havia maneiras peremptórias de fazer falar aqueles que se recusam.

– Que seja. Veremos. E o cofre de ébano?

– Queimei.

– Ah! – ele grunhiu. – O senhor está tripudiando de mim, meu bravo homem.

Ele torceu-lhe o braço implacavelmente.

– Ontem, Rudolf Kesselbach, ontem, o senhor entrou na agência do Crédit Lyonnais do *boulevard* des Italiens, dissimulando um embrulho sob seu sobretudo. O senhor alugou um cofre-forte... Sejamos precisos: o cofre número 16, fileira 9. Depois de assinar e pagar, o senhor desceu até o subsolo e, quando voltou, não estava mais com o embrulho. Está correto?

- Absolutamente.
- Então os dois objetos estão no Crédit Lyonnais.
- Não.
- Dê-me a chave do seu cofre.
- Não.
- Marco!

Marco veio correndo.

- Pode começar, Marco. O nó quádruplo.

Antes que tivesse tempo de se defender, Rudolf Kesselbach foi amarrado com cordas que machucavam sua pele sempre que ele tentava escapar. Seus braços ficaram imobilizados atrás de suas costas, o peito amarrado à poltrona e as pernas amarradas por faixas, como as pernas de uma múmia.

- Procure, Marco.

Marco vasculhou. Dois minutos depois, ele entregou ao chefe uma pequena chave fixa, banhada a níquel, que tinha os números 16 e 9.

- Perfeito. Nenhum estojo de couro?

- Não, chefe.

– Ele está no cofre. Senhor Kesselbach, por favor, diga qual é a senha secreta que abre a fechadura.

- Não.

- O senhor se recusa?

- Sim.

- Marco!

- Sim, chefe?

- Aponte o cano do seu revólver para a têmpora do cavalheiro.

- Pronto.

- Puxe o gatilho.

- Aí está.

- E então, meu velho Kesselbach, está decidido a falar?

- Não.

- Você só tem dez segundos. Marco!

- Sim, chefe?

- Em dez segundos, estoure os miolos do cavalheiro.

- Entendido.

- Kesselbach, vou começar a contar: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Rudolf Kesselbach fez um sinal:

- Quer falar?

- Sim.

- Já não era sem tempo. Então, a senha... a palavra-chave do cofre?

- Dolor.

– Dolor... Dor... A senhora Kesselbach não se chama Dolorès? Ótimo... Marco, faça o que está combinado... Não cometa nenhum deslize, hein? Repito... Vá encontrar Jérôme na estação do ônibus, entregue a ele a chave e diga a senha: Dolor. Sigam juntos para o Crédit Lyonnais. Jérôme vai entrar sozinho, assinar o registro de identidade, descer até o subsolo e pegar tudo o que estiver no cofre. Entendido?

- Sim, chefe. Mas se por acaso o cofre não abrir, se a palavra “Dolor”...

– Silêncio, Marco. Na saída do Crédit Lyonnais você vai se separar do Jérôme, voltar para sua casa e me telefonar para falar sobre o resultado da operação. Se por acaso a palavra “Dolor” não abrir o cofre, teremos, meu amigo Kesselbach e eu, uma conversa derradeira. Kesselbach, você tem certeza de que não se enganou?

- Sim.

- Então é porque sabe que a busca será inútil. Veremos. Vai, Marco.

- Mas e o senhor, chefe?

– Eu vou ficar. Oh! Não se preocupe. Nunca corri tão pouco perigo. Não é verdade, Kesselbach, que a instrução é precisa?

- Sim.

– Diabos, você está afirmando isso com muita rapidez. Por acaso está tentando ganhar tempo, para eu cair na armadilha como um idiota?

Ele pensou, olhou para o seu prisioneiro e concluiu:

- Não... Isso não é possível... Não seremos incomodados...

Ele não chegou a terminar a frase. A campainha do vestibulo tocou.

Ele tapou violentamente a boca de Rudolf Kesselbach.

– Ah! Sua raposa velha, você estava à espera de alguém!

Os olhos do prisioneiro brilharam de esperança. Foi possível ouvi-lo escarnecer sob a mão que o sufocava.

O homem estremeceu de raiva.

– Cale-se, senão eu o estrangulo. Venha, Marco, amordace-o. Depressa... Muito bem.

Tocaram a campainha outra vez. Ele gritou, como se fosse realmente Rudolf Kesselbach e como se Edwards ainda estivesse lá:

– Abra, Edwards.

Então ele passou silenciosamente para o vestíbulo e, em voz baixa, apontando para o secretário e o criado:

– Marco, ajude-me a empurrar isto para o quarto... ali... para que não possam vê-los.

Ele levantou o secretário, e Marco carregou o criado.

– Agora volte para a sala.

Ele logo o seguiu e, passando uma segunda vez pelo vestíbulo, disse em voz alta e num tom de surpresa:

– Seu criado não está aqui, senhor Kesselbach... Não, não se incomode... termine sua carta... Eu mesmo vou.

E, tranquilamente, ele abriu a porta da entrada.

– Senhor Kesselbach? – alguém perguntou.

Ele estava diante de uma espécie de colosso, o rosto largo e alegre, olhos brilhantes. O homem se balançava de uma perna para a outra e retorcia entre as mãos as bordas de seu chapéu.

Ele respondeu:

– Perfeitamente, é aqui mesmo. A quem devo anunciar?

– O senhor Kesselbach telefonou... Ele está à minha espera...

– Ah! É o senhor... Vou avisar... Aguarde um minuto, por gentileza.

O senhor Kesselbach vai falar com o senhor.

O homem teve a audácia de deixar o visitante no limiar da antessala, em um lugar de onde se podia ver, através da porta aberta, uma parte da sala de estar. E lentamente, sem sequer se virar, ele entrou, juntou-se ao seu cúmplice, que estava próximo do senhor Kesselbach, e disse-lhe:

– Estamos perdidos. É Gourel, da Sûreté...

O outro empunhou sua faca. Ele agarrou-lhe o braço:

– Sem besteiras, hein! Tenho uma ideia. Mas, por Deus, entenda direito o que vou dizer, Marco, e só fale na sua vez... Fale *como se você fosse Kesselbach*... Entendeu, Marco? Você é o Kesselbach.

Ele falou com tanto sangue-frio e com uma autoridade tão violenta que Marco entendeu, sem mais explicações, que precisava fingir ser Kesselbach e pronunciou, de modo a ser ouvido:

– Queira me desculpar, meu caro. Diga ao senhor Gourel que lamento, mas tenho coisas demais a fazer... Eu o receberei amanhã de manhã às nove horas, sim, às nove horas em ponto.

– Muito bem – disse o outro –, agora não se mexa.

Ele voltou para a antessala onde Gourel esperava e disse-lhe:

– O senhor Kesselbach pede desculpas. Ele está terminando um trabalho importante. É possível que o senhor retorne amanhã de manhã, às nove horas?

Houve um silêncio. Gourel parecia surpreso e um pouco preocupado. No fundo do bolso, o punho do homem se contraiu. Um gesto equívoco e ele atacaria.

Finalmente, Gourel disse:

– Está bem... Amanhã às nove, mas, mesmo assim... Está bem! Sim, às nove horas eu estarei aqui...

E, colocando de volta o chapéu, ele seguiu pelos corredores do hotel.

Marco, na sala, desandou a rir.

– Essa foi muito boa, chefe. Ah! Como o senhor o enganou!

– Vá lá, Marco, vá atrás dele. Se ele sair do hotel, deixe-o ir, encontre Jérôme na estação de ônibus, como combinado... e telefone.

Marco partiu rapidamente.

Então o homem pegou uma garrafa e um grande copo sobre a lareira, encheu-o de água, que tomou em um gole só, molhou o lenço, banhou a própria testa coberta de suor e, em seguida, sentou-se junto de seu prisioneiro, dizendo-lhe com falsa gentileza:

- Senhor Kesselbach, tenho a honra de me apresentar.
- E, tirando um cartão do bolso, anunciou:
- Arsène Lupin, ladrão de casaca.

2

O nome do famoso aventureiro pareceu causar uma ótima impressão no senhor Kesselbach. Lupin não deixou de notar isso e exclamou:

– Ah! Ah, caro senhor. Está aliviado?! Arsène Lupin é um ladrão delicado, ele repugna o sangue, jamais cometeu outro crime a não ser apropriar-se do bem dos outros... um pecadilho de nada! E o senhor imagina que ele não vai pesar sua consciência com um assassinato inútil. Certo... Mas sua eliminação será inútil? É isso que, de fato, interessa. Neste momento, juro que não estou brincando. Vamos, meu camarada.

Ele aproximou mais sua cadeira da poltrona, soltou a mordaca do prisioneiro e falou com clareza:

– Senhor Kesselbach, no dia exato da sua chegada a Paris, o senhor entrou em contato com o tal Barbareux, diretor de uma agência de informações confidenciais, e, como agiu sem o conhecimento do seu secretário Chapman, o senhor Barbareux, quando se comunicava com o senhor, por carta ou telefone, se apresentava como “o coronel”. Preciso lhe dizer sem delongas que Barbareux é o homem mais honesto do mundo. Mas tenho a sorte de ter um dos seus empregados entre os meus melhores amigos. Foi assim que fiquei sabendo dos seus passos junto com Barbareux, e foi assim que fui levado a me ocupar do senhor e a fazer-lhe, graças a cópias de suas chaves, algumas visitas domiciliares nas quais, infelizmente, não encontrei o que queria!

Ele diminuiu o tom de voz e, fixando os olhos nos olhos do seu prisioneiro, examinando seu olhar, procurando seu pensamento sombrio, articulou:

– Senhor Kesselbach, o senhor instruiu Barbareux a descobrir, no submundo de Paris, um homem que carrega, ou carregou, o nome de Pierre

Leduc e cuja descrição principal é: um metro e setenta e cinco de altura, loiro, bigodes. Um sinal particular: como resultado de uma lesão, a ponta do dedo mindinho da mão esquerda foi cortada. Há também uma cicatriz quase apagada na face direita. O senhor parece atribuir uma enorme importância à descoberta desse homem, como se isso pudesse resultar em benefícios consideráveis para o senhor. Quem é esse homem?

– Não sei.

A resposta foi categórica, absoluta. Ele sabia ou não sabia? Pouco importava. A questão é que ele estava determinado a não falar.

– Que seja – disse seu adversário –, mas tem informações mais detalhadas sobre ele do que as que forneceu a Barbareux?

– Nenhuma.

– Está mentindo, senhor Kesselbach. Duas vezes, diante de Barbareux, o senhor consultou os papéis guardados no estojo de couro.

– De fato.

– E esse objeto, onde está?

– Queimei.

Lupin estremeceu de raiva. Obviamente, a ideia de tortura e as comodidades que ela oferecia atravessaram-lhe novamente o espírito.

– Queimou? Mas o cofre... Então o senhor admite... admite que ele está no Crédit Lyonnais?

– Sim.

– E o que tem dentro dele?

– Os duzentos diamantes mais bonitos da minha coleção particular.

Essa afirmação não pareceu desagradar o aventureiro.

– Ah! Ah! Os duzentos diamantes mais bonitos! Mas então é uma fortuna... Ah, isso o faz rir... Para o senhor, é uma ninharia... E o seu segredo vale mais do que isso... Para o senhor, sim, mas e para mim?

Ele pegou um charuto, acendeu um fósforo que deixou apagar naturalmente e permaneceu por algum tempo pensativo, imóvel.

Alguns minutos se passaram. Ele começou a rir.

– O senhor espera que a expedição falhe e não consigamos abrir o cofre? Talvez, meu amigo. Mas, neste caso, você terá de pagar pelo inconveniente. Não vim aqui para ver a cara que você faz, aí, sentado na poltrona... Os diamantes, uma vez que há diamantes... Caso contrário, o estojo de couro... O dilema está posto.

Ele consultou o relógio.

– Meia hora... Caramba! O destino está de má vontade. Mas não brinque, senhor Kesselbach. Palavra de homem honesto, não voltarei para casa de mãos vazias... Ah, finalmente!

Era a campainha do telefone. Lupin pegou rapidamente o aparelho e, mudando o timbre de sua voz, imitando as rudes entonações de seu prisioneiro:

– Sim, sou eu, Rudolf Kesselbach... Ah! Muito bem, senhorita, ponha-me em contato... É você, Marco? Perfeito... Correu tudo bem? No momento certo... Sem contratemplos? Parabéns, meu garoto... Então, o que encontraram? O cofre de ébano... Nada mais? Nenhum documento? Espere, espere! E no cofre?... São bonitos os diamantes? Perfeito... perfeito... Um minuto, Marco, deixe-me pensar... Tudo isso, você percebe... se eu dissesse a minha opinião... Não se mexa, permaneça na linha...

Ele se virou:

– Senhor Kesselbach, o senhor tem apreço por seus diamantes?

– Sim.

– Quer comprá-los de volta?

– Talvez.

– Quanto? Quinhentos mil?

– Quinhentos mil... sim...

– Mas há um senão... Como faremos a troca? Um cheque? Não, você tentaria me enganar... ou eu o enganaria... Ouça, depois de amanhã, pela manhã, vá ao Lyonnais, pegue os quinhentos bilhetes e dê um passeio pelo bosque, perto de Auteuil... Eu estarei com os diamantes... em uma sacola, é mais conveniente... O cofre chama muita atenção...

Kesselbach sobressaltou-se:

– Não... não... eu quero o cofre... quero tudo...

– Ah! – reagiu Lupin, morrendo de rir. – Você caiu na armadilha... Você não está nem aí para os diamantes; eles podem ser substituídos... Mas com o cofre você se preocupa como se fosse sua própria pele... Muito bem! Você terá o cofre... Palavra de Arsène... Você o receberá amanhã, pelo correio!

Ele pegou novamente o telefone.

– Marco, a caixa está com você? O que tem ela de especial? Feita de ébano, incrustada com marfim... Sim, eu conheço... Estilo japonês, *faubourg* Saint-Antoine... Nenhuma marca? Ah! Uma pequena etiqueta redonda, com uma borda azul e com um número... Sim, uma indicação comercial... nenhuma importância. E a parte de baixo da caixa, é espessa? Não muito espessa... Caramba! Então não tem fundo falso... Tem certeza, Marco? Examine as incrustações de marfim na parte de cima... ou melhor, não, a tampa.

Ele ficou exultante.

– A tampa! Osso mesmo, Marco! – Kesselbach pestanejou. – Está esquentando! Ah! Meu velho Kesselbach, não percebeu que eu estava de olho em você? Seu desastrado!

E, voltando ao Marco:

– E então? Onde você está? Um espelho no interior da tampa? Ele desliza? Tem ranhuras? Não... Pois bem, quebre-o... Sim, estou dizendo para quebrar... Não tem motivo para esse espelho estar aí... ele deve ter sido colocado.

Ele se impacientou:

– Ora, seu imbecil, não se meta no que não é da sua conta... Obedeça...

Ele deve ter ouvido o barulho que Marco fazia do outro lado do fio para quebrar o espelho, porque gritou triunfante:

– Eu não disse, senhor Kesselbach, que a caçada seria boa? Alô! E então? E então? Uma carta? Vitória! Todos os diamantes do Cabo e o segredo deste homem!

Ele pegou o segundo aparelho de telefone, ajeitou-o cuidadosamente em sua orelha e retomou:

– Leia, Marco, leia devagar... Primeiro o envelope... Bom... Agora repita.

Ele próprio também repetiu:

“Cópia da carta contida no estojo de couro preto.”

– E o que mais? Rasgue o envelope, Marco. O senhor nos permite, senhor Kesselbach? Não é o correto, mas, enfim... Vá em frente, Marco, o senhor Kesselbach autorizou. E então? Então leia.

Ele ouviu, depois zombou:

– Caramba! Não é evidente. Vejamos, vou tentar resumir. Uma simples folha de papel dobrada em quatro e cujas dobras parecem novas... Muito bem... No topo, à direita dessa folha, estão estas palavras: *um metro e setenta e cinco, dedo mindinho esquerdo cortado*, etc. Sim, essa é a descrição física de Pierre Leduc. A caligrafia é de Kesselbach, certo? Muito bem... E no meio da folha esta palavra, em maiúsculas:

APOON

“Marco, meu jovem, deixe o papel de lado, não encoste no cofre nem nos diamantes... Em dez minutos eu termino aqui com meu camarada. Daqui a vinte minutos vou encontrá-lo. Ah, a propósito, você me enviou o carro? Perfeito. Até daqui a pouco.”

Ele colocou o aparelho de volta no gancho, foi até o vestibulo depois para o quarto, assegurou-se de que o secretário e o criado não tinham afrouxado suas amarras e que também não corriam perigo de ficarem sufocados com as mordças, e voltou para o seu prisioneiro.

Ele tinha uma expressão resoluta e implacável.

– Chega de gracinha, Kesselbach. Se não falar, azar o seu. Está decidido?

– A quê?

– A não fazer besteira. Diga o que sabe.

– Não sei de nada.

– Está mentindo. O que significa a palavra Apoon?

– Se eu soubesse, não a teria escrito.

– Que seja, mas a que ou a quem ela se refere? De onde a copiou? De onde veio isso?

O senhor Kesselbach não respondeu. Lupin retomou, mais irritado, mais brusco:

– Ouça, Kesselbach, vou lhe fazer uma proposta. Por mais rico e poderoso que seja, não há tanta diferença entre mim e você. O filho do caldeireiro de Augsburg e Arsène Lupin, príncipe dos ladrões, podem entrar em um acordo sem que isso seja vergonha nem para um nem para o outro. Eu roubo em apartamentos, e você rouba na Bolsa. Dá tudo na mesma. Então, é o seguinte, Kesselbach. Vamos ser sócios neste caso. Preciso de você porque ignoro a informação. Você precisa de mim porque, sozinho, não vai se safar. Barbareux é um tolo. Eu sou Lupin. Não é verdade?

Silêncio. Lupin insistiu com a voz trêmula:

– Responda, Kesselbach, não é verdade? Se sim, em quarenta e oito horas encontro o tal Pierre Leduc. Porque é sobre ele, não é? É esse o negócio? Responda! Vamos, responda! Quem é esse sujeito? Por que está à procura dele? O que sabe sobre ele?

Ele se acalmou de repente, pôs a mão sobre o ombro do alemão e, num tom seco:

– Só uma palavrinha. Sim... ou não?

– Não.

Lupin puxou do bolso de Kesselbach um magnífico cronômetro de ouro e o colocou sobre o joelho do prisioneiro. Depois desabotoou o colete de Kesselbach, abriu a camisa dele, descobriu-lhe o peito e, pegando sobre a mesa próxima uma caneta de aço forrada de ouro, aplicou a ponta no lugar onde os batimentos do coração faziam pulsar a carne nua.

– Uma última vez...

– Não.

– Senhor Kesselbach, faltam oito minutos para as três horas. Se dentro de oito minutos o senhor não responder, estará morto.

3

Na manhã seguinte, na hora exata do encontro, o brigadeiro Gourel chegou ao Palace-Hotel.

Sem parar, e desdenhando do elevador ele subiu as escadas. No quarto andar, virou à direita, seguiu pelo corredor, e bateu à porta do quarto 415.

Nenhum barulho foi ouvido. Ele tocou novamente. Depois de meia dúzia de tentativas fracassadas, ele seguiu até o escritório do mesmo andar. Lá havia um mordomo.

– O senhor Kesselbach, por favor? Já toquei a campainha umas dez vezes.

– O senhor Kesselbach não dormiu aqui. Não o vemos desde ontem à tarde.

– E o criado? Ou o secretário?

– Também não os vimos.

– Também não dormiram no hotel?

– Provavelmente, não.

– Provavelmente! Mas o senhor deveria ter certeza.

– Por quê? O senhor Kesselbach não está aqui como num hotel, está em casa, em seu apartamento particular. Seu serviço não é feito por nós, mas por seu criado, e não sabemos nada sobre o que está acontecendo na casa dele.

– Sim... de fato...

Gourel parecia muito confuso. Ele tinha vindo por ordens formais, com uma missão precisa, dentro dos limites em que sua inteligência podia funcionar. Fora desses limites, ele não tinha certeza de como agir.

– Se o chefe estivesse aqui... – ele murmurou –, se o chefe estivesse aqui...

Ele mostrou seu cartão e apresentou seus títulos. Então perguntou, ao acaso:

– Então o senhor não os viu voltar?

– Não.

– Mas os viu sair?

– Também não.

– Então, como sabe que saíram?

– Por um cavalheiro que veio ontem à tarde ao 415.

– Um cavalheiro de bigode castanho?

– Sim. Encontrei-o indo embora, perto das três da tarde. Ele me disse: “As pessoas do 415 acabaram de sair. O senhor Kesselbach vai dormir nesta noite em Versalhes, no Réservoirs, para onde o senhor pode enviar suas correspondências”.

– Mas quem era esse cavalheiro? Ele falava em nome de quem?

– Não sei.

Gourel estava preocupado. Tudo isso lhe parecia muito estranho.

– O senhor tem a chave?

– Não. O senhor Kesselbach mandou fazer chaves especiais.

– Vou tentar novamente.

Gourel tocou mais furiosamente a campainha. Nada. Estava prestes a sair quando, de repente, se abaixou e colou a orelha no buraco da fechadura.

– Ouça... parece que... mas, sim... é muito, mas muito nítido... queixas... gemidos...

Ele deu um murro na porta.

– Mas, senhor, o senhor não tem o direito...

– Não tenho o direito!

Ele bateu ainda mais forte, mas foi em vão, e ele logo desistiu.

– Rápido, rápido, um serralheiro.

Um dos funcionários do hotel se apressou a cumprir a ordem. Gourel caminhava de um lado a outro, inquieto e indeciso. Os criados dos outros andares se agruparam ali perto. Os funcionários do escritório e da gerência começaram a chegar. Gourel exclamou:

– Mas por que não entramos pelos quartos adjacentes? Eles não têm comunicação com o apartamento?

– Sim, mas as portas que fazem essa comunicação estão sempre trancadas de ambos os lados.

– Então vou telefonar para a Sûreté – disse Gourel, para quem, aparentemente, não havia outra possibilidade de salvação além de seu líder.

– E para o comissariado – alguém observou.

– Sim, faça essa gentileza – ele respondeu, no tom de um cavalheiro que tinha pouco interesse nessa formalidade.

Quando ele voltou do telefone, o serralheiro estava terminando de testar suas chaves. A última girou a fechadura. Gourel entrou rapidamente.

Foi depressa até o lugar de onde vinham as queixas e se deparou com dois corpos: do secretário Chapman e do criado Edwards. Um deles, Chapman, tinha conseguido, pacientemente, afrouxar um pouco a mordança e soltava pequenos grunhidos. O outro parecia dormir.

Rapidamente, os dois foram desamarrados. Gourel estava preocupado.

– E o senhor Kesselbach?

Ele foi até a sala de estar. O senhor Kesselbach estava sentado e amarrado ao encosto de uma poltrona, próximo da mesa. A cabeça estava inclinada sobre o peito.

– Ele está desmaiado – disse Gourel, aproximando-se dele.

Rapidamente, cortou as cordas que amarravam os ombros do senhor Kesselbach. Como se fosse um bloco, o peito despencou para a frente. Gourel o segurou pela cintura e recuou, soltando um grito de pavor:

– Ele está morto! Apalpem... As mãos dele estão geladas, e vejam os olhos!

Alguém arriscou:

– Apoplexia, provavelmente... ou um aneurisma.

– De fato, não há vestígios de lesão... é uma morte natural.

Deitaram o cadáver no sofá e o despiram. Mas, imediatamente, sobre a camisa branca, manchas vermelhas apareceram, e, assim que foram removidas, eles notaram que, no lugar do coração, o peito havia sido perfurado por uma pequena fenda, e pela ferida fluía uma fina gota de sangue.

Havia um cartão preso à camisa.

Gourel se inclinou. Era o cartão de Arsène Lupin, também manchado de sangue.

Gourel então se endireitou, autoritário e abrupto:

– Um crime!... Arsène Lupin!... Saiam... Saiam todos... Que ninguém permaneça nesta sala ou no quarto... Levem estes senhores e cuidem deles em outra sala! Saiam todos... E não toquem em nada... *O chefe vem aí!*

4

Arsène Lupin!

Gourel repetiu essas duas palavras fatídicas com um ar absolutamente petrificado. Elas ecoavam dentro dele como o prenúncio da morte. Arsène Lupin! O bandido-rei! O aventureiro supremo! Vejamos, será que era possível?

– Mas não, mas não – ele murmurou –, não é possível, *já que ele está morto!*

Mas... será que ele estava mesmo morto? Arsène Lupin!

De pé bem perto do cadáver, Gourel continuava perplexo, atordoadado, virando e revirando o cartão com certo medo, como se tivesse acabado de receber a provocação de um fantasma. Arsène Lupin! O que ele ia fazer? Agir? Lutar com os próprios recursos? Não, não... era melhor não agir... Os erros seriam inevitáveis se ele enfrentasse tal adversário. Além disso, o chefe não estava a caminho?

O chefe vem aí! Toda a psicologia de Gourel se resumia nessa pequena frase. Hábil e perseverante, cheio de coragem e experiência, de força hercúlea, ele era um daqueles que avançam apenas quando guiados a isso e que fazem um bom trabalho apenas quando ordenados.

Quanto essa falta de iniciativa piorava desde que o senhor Lenormand havia assumido o lugar do senhor Dudouis a serviço da Sûreté! O senhor Lenormand é que era um líder! Com aquele lá, todos tinha certeza de seguir pelo caminho certo! Tão certo que Gourel parava assim que o impulso do chefe já não surtia efeito.